



SITUANDO ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Autor: Cristiane Tôres da Silva de Araujo; Co-autor: Adriel Rodrigues do Nascimento; Co-autor: Joais Martins Silva; Co-autor: Amauri Martins Bezerra Neto

Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico do Agreste

cristorres2015@hotmail.com; adrielrodrigues.89@outlook.com; joais_martins@hotmail.com
ambn_roadtolove@live.com

Resumo: Este trabalho busca investigar as concepções de infância e de criança que se revelam através da prática de profissionais que atuam na Educação Infantil. O mesmo partiu de inquietações vivenciadas no decorrer do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, momento em que realizamos um processo de aproximação e de intervenção didática em um CEMEI na Rede Municipal de Ensino em Caruaru. Partindo deste contexto, o objetivo geral consiste em analisar a concepção de infância e de criança na prática docente de professores (as) que atuam na modalidade da educação Infantil. Tomamos como referência algumas questões que consideramos importantes para compreender como vem se constituindo as concepções acima citadas, a saber: a disponibilidade física e material para o desenvolvimento de atividades que contribuam para o processo formativo das crianças; as concepções pedagógicas e legais apontadas no Projeto político pedagógico; Como lente teórica elegemos as contribuições de OLIVEIRA (2002) no que diz respeito à importância de uma educação infantil de qualidade no processo de desenvolvimento dos sujeitos, Pinto (1997) ao tratar sobre um novo olhar sobre a cultura de crianças numa perspectiva não adultocêntricas, entre outros(as) autores(as). As nossas análises revelaram a importância de se (re)significar o sentido, modos e uso dos espaços neste contexto o que indica a necessidade de minimizar o processo de burocratização implicado na utilização dos mesmos bem como ampliação do conjunto de atividades oferecidas as crianças de modo que as mesmas não se mantenham restritas aos conteúdos do livro didático. Tendo em vistas as limitações que se mostram na inadequação do ambiente físico e na falta de oportunidade pedagógica percebe-se a urgente o quanto se faz necessário no referido contexto à valorização das potencialidades das crianças e de suas infâncias o que se revela como grande desafio.

Palavras-chaves: Infância, Educação Infantil, Prática Docente.



1. Introdução

Neste trabalho que é resultado de uma experiência formativa no contexto do Estágio Supervisionado em Educação Infantil buscamos problematizar a concepção de infância e de crianças na prática docente de professores(as) que atuam na educação infantil. Historicamente a perspectiva de Educação Infantil esteve ancorada na tendência do cuidar propriamente dito, normalmente estes cuidados se limitavam aos procedimentos elementares de higienização. Além disso, é comum encontrarmos principalmente nas artes plásticas através das pinturas no período da Idade Média imagens que retratam crianças como se fossem adultos em miniatura.

Levando em consideração essas evidências que sustentavam uma visão da criança numa perspectiva adultocêntrica ou higienista, é que nos inserimos em uma instituição que trabalha com essa modalidade de ensino a fim de que pudéssemos entender como se dá na prática as concepções de criança e de infância nos dias atuais.

Apesar dos estereótipos de que o trabalho com crianças se limita a mera instrução (adultocêntrica) ou aos cuidados higiênicos, é preciso antes de qualquer coisa distinguir o conceito de criança e de infância (como será tratado mais adiante) de modo que essas duas definições não se confundam ou deixem de ser consideradas na prática dos(as) profissionais que atuam com este público.

Nessa ocasião a nossa principal indagação para a elaboração e o desenvolvimento deste trabalho consiste em compreender COMO OS(AS) PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL vem compreendendo a infância e a criança no desenvolvimento de sua prática docente.

2. Objetivos

Analisar a concepção de Infância e de criança na prática de professores(as) que atuam na modalidade de educação Infantil. Os nossos objetivos específicos consistem em: Verificar a disponibilidade física e material para o desenvolvimento de atividades que contribuam para o processo formativo das crianças; Indagar as concepções pedagógicas e legais apontadas no



Projeto político pedagógico; Desenvolver uma atividade / projeto que atenda uma das necessidades constatadas na instituição.

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos durante o percurso deste trabalho consistiram na Observação participante. Considerando o que trata André (1995, p. 28) “A observação é chamada participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada”. Além da observação participante, realizamos as anotações no diário de campo a fim de que pudéssemos desenvolver uma espécie de panorama deste estudo, de modo que nos ajudasse a rever os passos e o percurso do nosso trabalho. Ainda para este exercício de pesquisa, o procedimento escolhido foi a abordagem qualitativa que segundo André (1995, p.17) “É o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”. Nessa mesma visão Lincoln e Denzin (2006) conceituam que:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo de caso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; texto e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretadas e interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. (p.17).

É nesta perspectiva de prezar pela cultura, na qual estamos nos inserindo que a nossa conscientização se faz necessária no sentido de que a nossa presença possa interromper menos possível na rotina, nas atividades e dinâmicas desses contextos. Quando falamos em interromper menos, significa minimizar o clima tenso que ‘paira’ sobretudo nos primeiros contatos com o ambiente até que nós enquanto estudantes, sejamos simbolicamente considerados(as) como um(a) membro(a) daquela equipe de funcionários(as). Além da observação participante e do diário de campo nos apropriamos das entrevistas e conversas informais considerando que nem sempre as questões podem ser reveladas em uma entrevista por apresentar um caráter mais formal. É nisso, que reside a importância das conversas que informalmente dão visibilidade a acontecimentos importantes que de repente pode auxiliar em uma compreensão mais complexa.



4. Caracterizando o ambiente

Em 1988, tem início o funcionamento no bairro Centenário, o Centro de Educação Infantil. T. C., na cidade de Caruaru-PE. O mesmo se trata de uma instituição voltada para a educação infantil e está situada em um bairro popular do município, atendendo as crianças da comunidade. Essa instituição inicialmente, funcionava como um posto de saúde e que posteriormente ela se transforma em creche, com fins de prestar serviços à população e desenvolver políticas públicas dessa natureza, a fim de dar assistência aos pais ou responsáveis de crianças que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar os(as) seus filhos e suas filhas.

Em entrevista realizada com a professora e funcionária mais antiga da instituição (Tia Flôr), percebemos que a ideia concebida a respeito da infância naquela época se limitava ao cuidar que nesse sentido há indícios de uma pedagogia higienista e assistencialista.

Mediante as nossas observações com relação à concepção de criança entendemos que esta aponta para uma perspectiva “adultocêntrica” onde as crianças precocemente devem assumir comportamentos tais como: limitação do espaço; silenciar-se praticamente o tempo todo; ter controle quase que total dos seus movimentos e gesticulações, dentre outras situações que tendem a reforçar uma certa docilização dos corpos, dos movimentos, inibindo o desenvolvimento dessas crianças que em linhas gerais estão neste tempo/espaço desenvolvendo suas curiosidades, uma vez que a exploração são fundamentais para o desenvolvimento físico, psicológico e social. Tal como ressalta Oliveira: cooperativas e atentas aos outros e a admitir maior confiança em si. Grandes partes desses efeitos positivos persistem e contribuem para suscitar-lhes uma atitude positiva com relação à aprendizagem escolar e favorecê-las com o sucesso em seus estudos posteriores (2002,p.85).



Concordando com o que destaca Oliveira, entendemos que é justamente através deste serviço que as crianças precisam para se desenvolver cognitivamente e fisicamente mediante a organização do espaço, no qual aquelas estão inseridas. Sendo assim, esses serviços mencionados anteriormente têm que uma direta relação com a configuração do ambiente que contribua para o desenvolvimento físico e cognitivo das crianças, sendo que esta última, necessariamente perpassa pelo Projeto Pedagógico da instituição e conseqüentemente na formação dos profissionais que atuam nessa área. Apesar dessa ser outra discussão, não poderíamos relegá-la nessa oportunidade.

4.1-Organização do espaço físico e da rotina

A creche está organizada da seguinte maneira: 03 (três) salas de aula, 01 (um) berçário, 01 (um) banheiro infantil adequado para as crianças, 01 (um) banheiro adulto, um pátio de recreação (pequeno), cozinha, secretaria, lavanderia, uma área externa (pouco utilizada), e 04 salas em processo de ampliação (concluídas), um parquinho em condições precárias de utilização, mas que segundo a supervisora também irá ser contemplado com uma reforma e modernização.

4.2 -Concepção de Infância e Educação Infantil

Sobre a concepção de Infância concebida pela instituição notamos que ocorre ainda uma presença marcante de um atendimento mais voltado para ações higienistas e decodificadora dos códigos da escrita, uma vez que os cuidados extrapolam a condição das crianças enquanto sujeito em desenvolvimento, de certa forma ignorando a importância do brincar enquanto uma dimensão deste processo. Na maioria das vezes o brincar aconteceu direcionado a um determinado fim ou propósito.

Muitas vezes pensamos que infância e criança são sinônimas, desse modo não nos damos conta de que a concepção da criança se refere a uma etapa da vida do sujeito, já a concepção de infância se refere ao valor que esta tem em si o que envolve cuidados específicos o que significa uma série de direitos como: o direito de brincar, de estudar, de



proteção que na maioria das vezes é confundida tidas como irrelevante, em contra partida é também necessário certos cuidados de higienização e principalmente o direito deter uma infância que possibilite esses e outros elementos necessários para o desenvolvimento físico, intelectual e saudável dessas crianças. Corroborando com essas questões, Pinto ressalta que:

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas. (PINTO, 1997- 20).

Neste sentido, para compreender a criança é preciso pensar a partir do ponto de vista desta ao que diz respeito as suas expectativas frente à dinâmica do meio em que estão inseridas a fim de elaborar novos olhares que tenham como ponto de partida a própria criança enquanto sujeito capaz de contribuir para a elaboração de sua própria concepção.

Ainda segundo a nossa entrevistada que aqui chamaremos de Darc (nome fictício) da coordenadora pedagógica, o horário de funcionamento inicia das 06h da manhã às 18h (tempo integral) com 02h (duas) horas de atividades pedagógicas que vai das 8:30h às 10:30h (no período da manhã), e das 14h às 16h no período da tarde, atualmente a instituição atende 63 (sessenta e três) crianças sendo que 11 são bebês, 28 crianças do b1 e b2 agrupadas na 1ª sala e 24 crianças do pré1 e pré2 agrupadas na 2ª sala. A creche conta com 4 professoras, duas no período da manhã e duas no período da tarde. Cada professora conta com duas auxiliares em cada sala. Percebemos na fala da coordenadora que há uma sequencia de atividades realizadas diariamente o que se revela na constituição das rotinas. Sobre as rotinas encontramos respaldo na seguinte afirmação:

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras atividades como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, regulada por costumes e desenvolvida em um espaço-tempo social definido e próximo, como a casa a comunidade ou o local de trabalho. É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se automatizadas, pois é necessário ter modos de organizar a vida (BARBOSA,2006-37).

Concordamos com a autora no que se refere à organização das tarefas e do próprio ambiente mediante as rotinas, por outro lado é preciso que estas não estejam alheias ao cotidiano e as imprevisibilidades uma vez que:



[...] o cotidiano é mais abrangente e refere-se ao espaço-tempo fundamental para a vida humana, pois tanto é nele que acontecem as atividades repetitivas, triviais, como também ele é o lócus onde há a possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação, onde se pode alcançar o extraordinário do ordinário (LEFEBVRE.1984,p.51 apud BARBOSA,2006, p.37).

Isso significa levar em consideração as exigências do contexto na medida em que as rotinas não se sobreponham ao cotidiano ignorando a sua dimensão e abrangência no sentido de dar importância às especificidades que constituem o que aqui entendemos por cotidiano.

As salas de aula são pequenas, razoavelmente iluminadas e com ventilação insuficiente, não há exploração do ambiente pelas crianças, e dificilmente a realização de atividades diversificadas, tendo em vista que este tipo de atividade permite às crianças compreender mediante as situações diversas a complexidade da realidade e de si mesmas. Nessa perspectiva é preciso pensar um ambiente que possibilite a ideia de que:

[...] o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças têm as suas percepções centradas no corpo; concomitante com o seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Consequentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante às crianças aprenderem a lidar com isso (ARTMED, 2001-71).

Concordamos com as autoras afirmando a ideia de que pensar na qualidade da educação infantil é pensar não apenas na maneira que esta será oferecida, mas considerar uma série de aspectos que contemplam o ambiente propriamente dito além da preparação dos profissionais que atuam nesses espaços, pois é através destes(as) que o trabalho pedagógico se configura e reconfigura no cotidiano.

4.3 -Público alvo de atendimento

Para que as crianças possam ser matriculadas é preciso atender alguns critérios como: ser filhos(as) de pais que trabalham, família de baixa renda, ou até mesmo crianças em situação de risco. Além de atender grande parte das crianças do bairro Centenário, também atende crianças do bairro São Francisco, do Centro, e demais localidades circunvizinhas.



Segundo a nossa entrevistada g1, a creche trabalha em parceria com outras instituições como o posto de saúde, conselho tutelar, assistência social tudo isso caso alguma criança precise ser encaminhada para alguma dessas instâncias o que esporadicamente acontece.

Na instituição as crianças também contam com assistência odontológica no caso, uma dentista vem periodicamente cuidar da saúde bucal delas e orientá-las na melhor maneira da higienização com os dentes. Também contam com uma nutricionista que elabora refeições balanceadas de acordo com as necessidades de cada faixa etária. Foi-nos informado ainda, que não existem crianças com problemas de saúde na instituição que requeiram uma alimentação diferenciada ou algum tipo restrição alimentar.

4.4 - Materiais e mobiliário

As mesas e cadeiras são adequadas ao tamanho das crianças, a organização das turmas se dá através de agrupamentos de 06 (seis) crianças em cada uma dessas mesas, por outro lado o espaço das salas de aula são improvisados e pequenos para a quantidade de crianças que geralmente são 26 crianças distribuídas por 05 (cinco) agrupamentos.

A iluminação não é suficiente, a ventilação é razoável em uma das salas, na outra é muito quente devido o telhado inclusive observamos nesta última sala que o piso é íngreme (uma rampa) que anteriormente servia para a entrada de cadeirantes, desse modo às mesas ficam inclinadas dificultando a realização de certas atividades e até mesmo para apoiar os seus materiais impossibilitando as crianças de realizar atividades diversificadas considerando que

Estas atividades permitem que as crianças escolham o que fazer, desde que o ambiente em termos de materiais e espaços o permita. É comum o entendimento, do nosso ponto de vista, equivocado, que nestes momentos a professora se livra da responsabilidade de intervir e acompanhar o que as crianças decidem fazer (ARTMED, 2001-69).

Nesse sentido, é importante frisar às brincadeiras livres sem interrupções ou intervenções diretas dos adultos de modo que as crianças se sintam autônomas a partir da criação e recriação do brincar, aqui concebido como elemento indispensável para o desenvolvimento cognitivo, social e motor. Para isso, a disposição do espaço torna-se fundamentalmente necessária o que lamentavelmente não foi possível perceber na maioria dos espaços observados a exemplo da sala de aula anteriormente mencionada.



5. Análise e discussão dos dados

Logo nas nossas primeiras visitas a instituição, procuramos saber com a coordenadora pedagógica se haveria a possibilidade de termos acesso ao Projeto político Pedagógico (PPP), a fim de verificarmos se havia algum planejamento anual ou mensal que possibilitasse a vivência de projetos educativos, infelizmente não tivemos acesso ao documento devido à justificativa de que este não poderia ser entregue porque estava sendo reelaborado, situações como esta corrobora com a ideia de que os(as) estagiários(as) ainda são muito estereotipados(as) pelas escolas e demais instituições.

Quando falamos a nossa professora colaboradora, a respeito dos planejamentos de aula a mesma nos certificou de que elaborava todas as suas aulas a partir do que se esperava vivenciar naquela semana já que cada instituição educativa do município segundo a coordenadora pedagógica trabalha de acordo com um eixo temático apontado pela secretaria municipal de educação onde cada escola/instituição pode vivenciar de acordo com suas necessidades e níveis de escolarização, Isto é, cada espaço destes pode elaborar o seu próprio calendário de atividades durante o ano letivo.

Muito embora nos depararmos com afirmações desse tipo dando a entender que a autonomia é priorizada, certo dia enquanto estávamos realizando as nossas observações em sala de aula, a professora pensou uma atividade com as crianças na área externa da escola, quando acabou de comunicar a coordenadora de imediato foi impedida onde à mesma disse que o melhor seria priorizar as atividades do livro, logo após a professora colaboradora voltou para a sala e nos disse decepcionada mais que aquele seria apenas um dos vários problemas que enfrentou e enfrenta ao tentar diferenciar suas aulas.

5.1 –Planejamento do projeto de intervenção didática

Para dar início ao processo de elaboração do projeto didático, realizamos algumas entrevistas com a coordenadora e também com a professora colaboradora a fim de identificar alguma temática que pudéssemos desenvolver a nossa proposta didática, o que não foi possível, pois o projeto que estava sendo vivenciado tratava do meio ambiente. Por este motivo não nos identificamos com a referida temática o que não significa que seja menos



importante, muito pelo contrário, mas por este tipo de projeto ser trabalhado com mais frequência do que outros, optamos desenvolver uma temática que contemplasse a importância da diversidade étnica e racial considerando a escola enquanto um espaço que abriga as diferenças.

Sabíamos do desafio em desenvolver uma proposta dessa natureza quando o público alvo se referia as crianças de 03 (três) anos, após uma longa pesquisa de trabalhos desenvolvidos com esse público elaboramos o projeto de intervenção, logo em seguida enviamos para a direção e para a professora colaboradora o trabalho para que tivessem acesso ao que pretendíamos desenvolver, posteriormente desenvolvemos o projeto na prática onde as crianças participaram e ficaram entusiasmadas.

Tratando-se de um público infantil em processo inicial de sistematização da escrita e linguística, não poderíamos elaborar atividades complicadas ou cansativas, nesse caso pensamos em uma aula dinâmica, interativa e divertida através da apresentação de fantoches e da apreciação de uma canção relacionada ao que realizamos.

A limitação encontrada no desenvolvimento desta atividade se deu pelo fato das crianças não participarem como esperávamos através das indagações e diálogos sendo assim nos restou concluir a apresentação apenas com a nossa fala quando ressaltamos a importância de se respeitar e de reconhecer as pessoas que são diferentes de nós. Por outro lado durante a exposição do teatrinho percebemos nos olhares das crianças o quanto estavam abismadas e atentas aos movimentos e as falas dos fantoches confirmando os nossos pressupostos de que este tipo de atividade é um forte instrumento educativo e pedagógico na educação das crianças pequenas. Nessa direção pensar determinadas temáticas e projetos significa reconhecer que

A definição de uma proposta pedagógica para a creche ou a pré-escola deve ser orientada para a ampliação do universo cultural das crianças, de modo que lhes sejam dadas condições para compreender os fatos e os eventos da realidade, habilitando-as a agir sobre ela de modo transformador (OLIVEIRA,2002-50).

Concordamos parcialmente com a autora, pois, nem sempre é possível elaborar uma atividade que garanta a participação das crianças, ainda mais quando se trata de meninos e meninas muito pequenos. Dessa maneira se torna interessante sugerir alguma atividade a fim de constatar se irá haver ou não aceitação da mesma, caso não ocorra é preciso que o(a) educador(a) repense outras estratégias que possibilite a participação direta das crianças como



ocorreu na nossa metodologia no segundo momento enquanto aplicávamos a proposta de intervenção.

A fim de permitir uma maior interação das crianças resolvemos propor uma atividade de colagem onde todos os garotos e garotas poderiam participar tranquilamente. Pensando na faixa etária dos(as) meninos(as) assim como no nível cognitivo acreditávamos que esta sugestão de tarefa estaria adequada as suas respectivas idades, antes de vivenciarmos esse momento apresentamos um vídeo a fim de fazer uma retrospectiva do que foi apresentado na aula anterior.

No momento da aplicação da atividade anteriormente mencionada percebemos que as crianças participaram ativamente, ao desenvolver o “mosaico das diferenças” durante esse momento estávamos sempre realizando intervenções necessárias para a consolidação do que pretendíamos ressaltar através de uma breve reflexão de cada imagem escolhida, a fim de que as crianças percebessem que as pessoas apresentam características diferentes e por isso mesmo devem ser respeitadas.

Com esta proposta não encontramos tantas limitações, muito pelo contrário ao terminar a colagem de todas as figuras, as crianças começaram uma verdadeira batucada batendo com as mãos em cima das imagens fazendo uma grande barulheira em seguida nós convidamos as crianças para apresentarem na frente da sala a produção que haviam realizado e assim foi feito apresentamos junto com elas (crianças), para os demais colegas para a auxiliar de classe e para a professora colaboradora.

Algumas considerações

Após vivenciarmos essa experiência de estágio na educação infantil, constatamos mais dificuldades do que possibilidades no que se referem aos aspectos físicos, pedagógicos, e disponibilidade de materiais necessários para o desenvolvimento de uma educação de qualidade considerando todas as especificidades da infância na sua completude.

Desse modo é preciso que o(a) professor(a) na medida em que desenvolve a sua prática docente esteja consciente dessas entre tantas outras limitações.

Para terminar acreditamos que apesar das dificuldades e desafios, é possível trabalhar determinadas temáticas com as crianças pequenas, muito embora que seja mais trabalhoso e



eclético do ponto de vista metodológico na medida em que uma determinada metodologia ou proposta didática não seja totalmente aceita por parte das crianças é necessário que o(a) professor(a) esteja atento e sempre a disposição para repensar e mudar a sua prática docente.

Reafirmamos que não é nada fácil trabalhar determinadas temáticas ainda mais quando se trata de crianças, no entanto é possível realizar esses projetos na medida em que há comprometimento, responsabilidade e dedicação, e o que mais demonstra a nossa certeza é o fato de concretizarmos o nosso projeto enquanto proposta pedagógica. Desse modo essas são as nossas impressões acerca do que constatamos durante o estágio enquanto processo de aprendizagem para a nossa futura prática e atuação docente.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira Por amor e por força: rotinas na educação infantil/ Maria Carmen Silveira Barbosa. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira projetos pedagógicos na educação infantil / Maria Carmen Silveira Barbosa, Maria das Graças Souza Horn. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

EDUCAÇÃO INFANTIL: pra que te quero? / organizado por Carmem Maria Craidy e Gládis Elise P. da Silva Kaercher. – Porto Alegre: Artmed, 2001.

<http://www.saosebastiao.sp.gov.br/cmdca/lei8069-90.htm> LEI N° 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) acesso em 03/08/2014.

<http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br/portal/ead/svp/mod/page/view.php?id=70> Propostas Curriculares Nacionais (PCNs) dos anos iniciais acessado em 06-072014.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Educação Infantil: fundamentos e métodos/ Zilma Ramos de Oliveira.- São Paulo: Cortez, 2002.- (coleção Docência em Formação).

PINTO, Manuel. Sarmiento, Manuel. As crianças: contextos e identidades. Braga. Centro de Estudos da Universidade do Minho, 1997.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia na prática escolar. Campinas: Papyrus, 1995.

DENZIN, Norman K.; **LINCOLN**, Yvona S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.